

Sociedade



SÍNODO PARA A AMAZÔNIA

Bispos criticam declaração de Mourão

Vice-presidente disse que floresta era responsabilidade do Brasil globo.com/2q4dwjz

FOTO: ROJÉNO ASSIS/ISA

Tradição e aventura. Vista aérea das Serras Guereiras do Tapuruquara: comunidades indígenas entre as cidades de Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, recebem os grupos formados por até 12 turistas.

MÉDIO RIO NEGRO

RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Projeto turístico busca resgatar cultura e gerar renda para indígenas

CRISTINA FIBE*

Enviada especial ao Médio Rio Negro (Amazonas)

cristina.fibe@oglobo.com.br

A mãe de Clarice Braga Lopes, 41, domina o nheengatu, língua geral indígena formalizada após a colonização, e pouco fala português. Sua filha, da etnia baré, o contrário: domina o português e pouco fala nheengatu. Os netos não aprenderam nada do idioma da avó, e hoje estudam a partir do currículo do MEC, que não prevê disciplinas indígenas.

Formada em Pedagogia e estudante de Letras e Matemática, a professora Clarice procura, em sala, valorizar a cultura dos ancestrais. Dá aulas para 17 crianças de 4 a 11 anos no sistema "multisseriado", implementado na pe-

quena Aruti (bicho-preguiça em nheengatu), abrigo de 19 famílias, todas católicas.

Além da escola, Clarice vê no turismo um incentivo para o resgate das tradições indígenas. Ela faz parte de um projeto de cinco comunidades da região do Médio Rio Negro, no Amazonas, que teve em agosto seu plano de visitação aprovado pela Funai (Fundação Nacional do Índio).

Nas duas expedições organizadas pelas próprias comunidades — uma "aventureira" e outra "cultural" —, cada grupo de até 12 pessoas convive com moradores dos territórios indígenas por uma semana. O objetivo é não só gerar renda para os locais como fortalecer sua cultura.

— Está sendo um resgate até para nossas crianças, que ago-

ra têm mais interesse nas tradições — diz Clarice, envolvida na Expedição Serras Guereiras de Tapuruquara desde sua idealização, em 2016. — Foi gente de fora que veio conscientizar as pessoas da importância da nossa cultura. Tem morador que tem vergonha de suas origens. Vai pra cidade e esconde que é indígena.

O público-alvo do projeto, que tem o apoio do Instituto Socioambiental (ISA) e da ONG Garupa — responsáveis por viabilizar a logística, a documentação e a comunicação entre moradores e visitantes, numa região onde não há sinal de telefonia e menos ainda de internet —, é de turistas interessados em uma imersão nas tradições locais.

A ideia não é se ornamentar para tirar fotos como se indí-

fosse, mas conviver com os moradores, ouvir suas histórias, experimentar as comidas plantadas e preparadas por eles, dormir em suas redes e caminhar por seus terrenos sagrados, onde mulheres grávidas ou menstruadas não entram, e é preciso lavar a boca antes de beber ou se alimentar.

— A gente percebe que o turismo já está resgatando as músicas, as danças, os mitos, os valores das poucas pessoas antigas que ainda temos — defende Cleucimara Reis Gomes, que era presidente da Acir (Associação das Comunidades Indígenas e Ribeirinhas) quando o projeto foi gestado.

Além da Acir, a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) é responsável pelo projeto e pela

capacitação das comunidades, acompanhadas também por Funai e ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade).

Desde a primeira expedição teste, há dois anos, os roteiros foram montados seguindo as indicações dos guias indígenas e as sugestões dos turistas "cobaias". A próxima etapa envolverá operadores que poderão vender o pacote aos interessados e levá-los até as comunidades, que dividem entre si as rendas das expedições, com contas abertas na internet. Por ora, cabe à Garupa levar os visitantes, que desembolsam cerca de R\$ 7,5 mil por expedição — dinheiro que cobre todas as despesas a partir de Manaus.

— Aqui, a verba de alojamento (coletivo, com redes e banheiro compartilhado) é da

comunidade, porque todo mundo construiu. Das refeições, cada um que participou recebe uma parte. E o dinheiro da festa fica para a escola — conta Ivania Melgueiro Baltazar, 48, coordenadora da visitação à comunidade de Carucho, onde vivem 40 famílias.

Viajantes e moradores sabem que o investimento para estar lá é alto, e todos parecem querer evitar o risco de ser mais uma intervenção negativa na História indígena. Mas o que se vê, ao contrário, são forasteiros fazendo um chamado às tradições, numa tentativa de resgate do que parece estar, por ali, quase definitivamente perdido.

*A repórter viajou a convite da Expedição Serras Guereiras de Tapuruquara



Guia indígena. Ivania Melgueiro Baltazar, de 48 anos, é coordenadora da visitação à comunidade de Carucho, onde vivem 40 famílias

Fartura nas cinco refeições do dia chama a atenção

No cardápio preparado pelos moradores, peixes, legumes, frutas e mandioca são precedidos por orações católicas

Nas três pequenas vilas pelas quais O GLOBO passou em setembro, no roteiro cultural Maniaka, o que mais chamou a atenção dos turistas foi a fartura das mesas postas pelos moradores.

Em cada expedição, as famílias se dividem para que não falte alimento: nas cinco refeições do dia, precedidas de orações católicas, aparecem

principalmente derivados da mandioca — da farinha ao mingau de tapioca —, frutas e legumes da estação e peixes, a maior fonte de proteínas.

Piranhas, surubins e tucunaris são servidos ensopados, assados na folha de arumã ou grelhados e comidos com colher ou com as mãos, sempre acompanhados de pimentas que, como a mandioca, saem

das roças indígenas.

O sistema agrícola do Rio Negro é considerado, desde 2010, patrimônio cultural brasileiro pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Ainda assim, conforme aumenta o acesso dos indígenas a produtos industrializados, mais difícil fica a manutenção de seu milenar método de sustento.



Mesa posta.

No roteiro cultural

"Maniaka",

destaque para

a refeição com

piranha assada

e farinha de

mandioca

Já é mais fácil comprar óleo na cidade do que produzir o próprio, e sucos de caixinha substituíram os das frutas da região — inclusive nas merendas escolares, em que não faltam itens como margarina, atum e salsicha enlatados. Com a "facilidade", diabetes e pressão alta já se fazem presentes nas comunidades.

Ainda que sob o risco de aproximar mais os moradores dos supermercados, um dos objetivos do projeto turístico no Médio Rio Negro é ajudar os indígenas a resgatar também suas tradições alimentares. (Cristina Fibe)